

A modalização nos textos de auto-ajuda

Najin Marcelino Lima*

Resumo:

Este trabalho examina o uso da modalização em textos escritos e falados de “auto-ajuda”. Observamos de que maneira os autores fazem uso da modalização para alcançarem seus objetivos: convencer os leitores de suas proposições, bem como levá-los a tomar atitudes específicas. No intuito de verificar se há preferências quanto ao tipo de modalizador (epistêmico e deôntico), é feita uma comparação entre textos falados e escritos.

Sendo a modalização “a estratégia através da qual o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade, ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo” (Castilho e Castilho 1996:217), acreditamos serem os textos de auto-ajuda um tipo de texto que apresenta alta incidência de modalização. Isto porque, em tais textos, os autores lidam constantemente com regras que devem ser seguidas pelos seus leitores ou ouvintes para que estes alcancem seus objetivos de maneira satisfatória. Koch (1984:74) considera as modalidades como atos ilocucionários, “já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz”.

São dois os tipos principais de modalização : “Os Modalizadores Epistêmicos [...] expressam uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição.” “Os Modalizadores Deônticos indicam que o falante considera o conteúdo de p (proposição) como um estado de coisas que deve, que precisa ocorrer obrigatoriamente” (Castilho e Castilho 1996:222).

Tendo em vista as funções que os modalizadores desempenham no texto, o tipo de modalização escolhida pelo autor será determinada, segundo Koch(1984:81), por, no mínimo, dois grupos de critérios: (1) as informações que o falante/autor possui a respeito da proposição e (2) o grau de engajamento deste com relação à proposição .

Meurer (1998), no seu livro “Aspects of Language in Self-help Counselling”, atenta para o status em que certos autores se colocam e colocam seu interlocutor quanto ao conhecimento de determinadas “verdades”. Esses autores, não raramente, lançam mão de conhecimentos “institucionalizados” para assegurar o caráter de veracidade de suas assertivas. Isto é, se todos sabem que algo é verdadeiro, logo a assertiva feita, baseada nessa verdade merece uma credibilidade considerável.

* Trabalho desenvolvido no Projeto Integrado: “Fala e Escrita: Características e Usos II” e mais especificamente, no subprojeto “Modalidades epistêmicas e deônticas na fala e na escrita como expressão de comprometimento ou distanciamento”, sob orientação da Profª. Judith Hoffnagel, em 1998.2.

Nossa pesquisa se deteve no levantamento do uso de modalizadores em textos de auto-ajuda na sua modalidade escrita, tais como livros, jornais e revistas e na sua modalidade falada (palestras de um autor de livros de auto-ajuda). Feito isso, pudemos traçar um perfil de como os modalizadores deônticos e epistêmicos se comportavam nesses textos. Concentramo-nos em observar qual a incidência de modalizadores nos textos e descobrir se havia preferências quanto ao uso de modalizadores epistêmicos ou deônticos. Tendo em mãos esse material, fizemos um estudo comparativo entre os textos escritos e falados.

Para ilustrar o uso da modalização em tais tipos de texto, analisamos quatro exemplos, sendo dois provenientes de textos escritos (um deôntico e um epistêmico) e dois provenientes de textos falados (dois epistêmicos). Neste corpus restrito de textos falados não foi encontrado nenhum exemplo de deôntico. Nos exemplos, os modalizadores encontram-se sublinhados. A análise baseia-se na teoria exposta acima.

Texto Escrito: Deôntico

(Ex.1). “Em primeiro lugar, você *deve* admitir para si mesmo que cometeu um erro. Depois, *terá de* confessar seu erro ao outro. Aí você terá de sentir um certo arrependimento verdadeiro e transmitir isso à pessoa que magoou. Por fim, *terá de* oferecer alguma forma de reparação.”

Podemos observar nessa curta passagem quatro ocorrências de modalizadores deônticos (*dever* e *ter de*). O autor usa essa estratégia lingüística para informar a seu interlocutor quais as obrigações para obter sucesso. Devido à escolha desses verbos e a força ilocucionária que eles transmitem, temos a impressão de que estamos diante de leis, normas a serem cumpridas.

Texto Escrito: Epistêmico

(Ex.2).: “As doenças *emocionalmente* induzidas (...) *podem* ser evitadas.”

O exemplo 2 traz dois tipos de modalização epistêmica muito freqüentes. O advérbio (*emocionalmente*) que delimita a abrangência da palavra anterior e o verbo *poder* no sentido de *ser possível*. Delimitando o campo de uma palavra e indicando apenas uma possibilidade quanto a sua assertiva, o autor se resguarda de maiores comprometimentos.

Texto Falado: Epistêmico

(Ex.3).: “...desde os arroubos da sua juventude você vem dando asas a sua imaginação *quem sabe* visualizando ser bem sucedido...*eu não duvido* que você tenha até projetado uma loja... *possivelmente* você tenha imaginado um famoso profissional... ou *talvez* um descobridor...”

O trecho acima foi extraído do início de uma palestra. Podemos observar o uso de quatro modalizadores epistêmicos. Estes são usados para introduzir as várias possibilidades que levaram os ouvintes àquela palestra. O que parece ocorrer é uma alternância quanto ao uso de modalizadores. Ora ele se distancia das assertivas fazendo uso de modalizadores como *possivelmente*, *talvez*; ora ele se compromete totalmente quando, por exemplo diz: “eu não duvido”.

(Ex.4).: “...a derrota começa na mente mas *tenho certeza* que isto não acontecerá com você a realização dos seus projetos *afirmo-lhe* depende só de você...”

O exemplo 4 mostra dois usos de epistêmicos em que o autor se compromete inteiramente com o que está dizendo. Mas, se observarmos atentamente, percebermos que o autor remete ao ouvinte toda a responsabilidade de este ser bem sucedido. Esse tipo de atitude é totalmente coerente com o tipo de texto que está sendo produzido: auto-ajuda.

Houve uma grande diferença na frequência dos modalizadores nos textos escritos e falados, pois enquanto, nos textos escritos, ocorreu um modalizador a cada 59 palavras, nos textos falados, ocorreu um modalizador a cada 278 palavras. As tabelas 1e 2 mostram a distribuição dos tipos de modalizadores epistêmicos e deônticos nos textos escritos e falados, respectivamente.

Tabela 1: Frequência dos modalizadores epistêmicos e deônticos em textos escritos

Textos escritos	Ocorrência	%
Epistêmicos	51	54
Deônticos	43	46
Total	94	100

Tabela 2: Frequência dos modalizadores epistêmicos e deônticos em textos falados

Textos falados	Ocorrência	%
Epistêmicos	17	100
Deônticos	0	0
Total	17	100

A princípio, esperávamos uma maior incidência de modalizadores deônticos, já que os autores de tais textos visam dar normas, regras a serem seguidas pelos seus leitores para obterem o sucesso de maneira eficaz. No entanto, uma pequena diferença a favor dos modalizadores epistêmicos foi observada nos textos escritos. Já nos textos falados, o resultado foi ainda mais surpreendente, pois não houve sequer uma única ocorrência de modalizadores deônticos. Isso indica uma preocupação por parte dos autores em manterem-se resguardados nas suas assertivas. Outro ponto que nos

chamou a atenção diz respeito à incidência de modalizadores quanto ao tipo de texto, escrito ou falado. Este último mostra-se, visivelmente, menos modalizado. Não queremos dizer com isso que esses resultados sejam necessariamente válidos para todo e qualquer tipo de texto de auto-ajuda, pois devemos considerar o tamanho reduzido do nosso *corpus*. O autor dos textos falados, aqui utilizados, parece preferir a *sugestão* como estratégia lingüística, mais do que a *imposição*, daí a ausência de modalizadores deônticos.

Referências Bibliográficas

- CASTILHO, A.T. de & CASTILHO, E. M. M. de. (1992). Advérbios Modalizadores. In Rodolfo Illari, (org.) *Gramática do Português Falado. Vol.II: níveis de análise Lingüística*. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 213-260.
- KOCH, Ingedore G.V. (1984). *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez.
- MEURER, José Luiz. *Aspects of Language in Self-help Counselling*. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/ UFSC.